

Um ano sabático de quase quatro décadas

Saxofonista Joshua Redman apresenta no Rio show da turnê de ‘Words Fall Short’, álbum gravado com banda recém-formada

AFFONSO NUNES

Queremos Jazz!, vertente jazzística do tradicional festival, traz ao Rio nesta quarta-feira (30) o saxofonista Joshua Redman. A turnê, que passou por São Paulo nesta terça, marca a volta do estadunidense ao país com o álbum “Words Fall Short”, lançado em junho de 2025 pela Blue Note numa formação enxuta com o pianista Paul Cornish, o baixista Philip Norris e o baterista Nazir Ebo. Agora, o quarteto pega a estrada para mostrar o novo trabalho de Redman.



Joshua Redman chega ao Brasil com disco novo e um quarteto em estreia

Redman montou o grupo como banda de trabalho para a turnê de “Where Are We”, disco de 2023 em que pela primeira vez gravou um projeto centrado na voz, ao lado da cantora Gabrielle Cavassa. Quando a turnê avançou, “algo virou no caminho”, como ele próprio contou: decidiu que aque-

les três jovens, todos na casa dos 20 anos, mereciam mais do que o papel de acompanhantes. Norris e Ebo chegaram primeiro; Cornish completou o time. O resultado virou o segundo álbum de Redman na Blue Note — oito composições próprias, 45 minutos, gravados como formação fixa.

“Words Fall Short” investiga a fronteira entre o que se diz e o que a música alcança: temas de imperfeição, linguagem, memória e conexão humana, alternando momentos contemplativos e passagens de improvisação coletiva intensa. O disco ainda amplia o diálogo entre gerações do jazz

contemporâneo com participações especiais da saxofonista Melissa Aldana, da trompetista Skylar Tang e da própria Cavassa. A crítica especializada viu ironia do título do trabalho que, traduzido para o português seria algo como “quando as palavras falham”. Afinal, depois de um elogiadíssimo álbum vocal, Redman voltou ao instrumental.

Sua trajetória anterior ajuda a entender essa reviravolta. Nascido em Berkeley (Califórnia), em 1969, o filho do saxofonista Dewey Redman formou-se em Harvard, venceu o concurso Thelonious Monk de 1991 e chegou a pedir para não entrar naquele momento na faculdade de Direito de Yale, na qual estava matriculado, para um ano sabático dedicado à música. Três décadas e meia depois, é um dos nomes centrais do jazz moderno, com trabalhos autorais e colaborações ao lado de Brad Mehldau, Christian McBride, Pat Metheny, Brian Blade e The Bad Plus — e a reputação de quem equilibra tradição e experimentação.

SERVIÇO

JOSHUA REDMAN

Vivo Rio (Avenida Infante Dom Henrique, 85, Parque do Flamengo) | 30/9, às 21h
Ingressos a partir de R\$ 200 e R\$ 100 (meia)

CRÍTICA DISCO | LATIN AMERICAN SUÍTE Nº 1 FOR STRING QUINTET

AQUILES RIQUE REIS*

Hoje é dia de trazer-lhes o novo álbum do compositor João Marcondes, “Latin American Suíte No. 1 for String Quintet – Opus 90” (Azul Music), que reafirma como o erudito não é antagônico ao popular — são complementares em seus desígnios e alinhados em suas harmonias. Trata-se de uma obra feita de mesclagens de gêneros que só grandes compositores são capazes de criar, e dentre eles está João Marcondes.

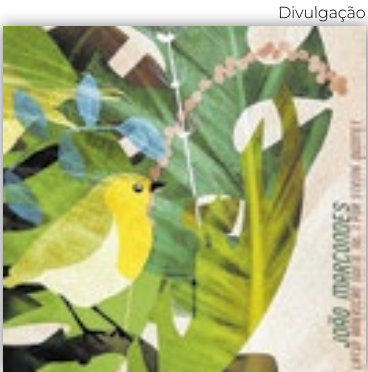
O Quarteto Topázio, com participação da contrabaixista Gabriela Negri, gravou o álbum, criando alegorias com os gêneros musicais anunciados nos títulos. Músicas do cancionário latino-americano que resultaram numa exposição clara e verdadeira, plena de ritmos e linguagens populares mescladas à erudição contemporânea.

Assim, músicas brasileiras,

argentinas, venezuelanas, colombianas, mexicanas e cubanas têm como ponto de partida um trabalho que celebra a riqueza cultural da América Latina. Decompondo criações populares e mesclando-as com músicas de concerto, dá ao ouvinte a certeza de que mesclagem é uma mina de belezas.

Valho-me novamente da música, minha principal fonte de disposição, para denunciar a velha trama que hoje expõe a democracia à sanha de mais um golpe armado pelos reacionários dos esgotos da política da morte: os ratos que tumultuam as eleições para eleger entreguistas de extrema-direita.

Bem, dito isso, às músicas que



podem ser ouvidas em <https://l1nq.com/h1fuqd>.

Abrindo a tampa, “Tango” traz vida nova ao símbolo da música argentina. Em seguida, “Choro” revisita, com lirismo e fluidez, a tradição instrumental brasileira. “Canção de Cuna” traduz os segredos composicionais das can-

ções de ninar latinas que, graças às cordas, logo despontam em meio às delícias de uma bela melodia. “Bambuco” tem os contornos rítmicos e melódicos da tradição colombiana; um tema extrovertido, cujas cordas repetem um desenho junto aos violinos. “Carnavalito” mostra a força das regiões andinas através das notas do contrabaixo que sola suavemente; o final vem em fade out... um lindo tema! Fechando a tampa, “Bolero” entrega uma atmosfera diáfana para a fantasia do gênero argentino, que viaja com magistral liberdade e levada singular, enquanto o baixo e o cello dão vazão ao engenho de Marcondes. Tudo caminha em meio à fluidez etérea das cordas;

logo sente-se um ambiente lírico... e a mesclagem segue dando o tom, até o final vir em fade out. Um tema supimpa!

A resiliência da música é tanta que permite a inventividade dos que arriscam mudanças bem-vindas. E não só: mantém a esperança de que os velhos golpistas, aliados ao imperador do mundo, não passarão! E de que a democracia e a soberania restarão intatas.

Ficha técnica

João Marcondes: composição; Leandro Dias: violino; Anderson Farinell: violino; André Rodrigues: viola; Marialbi Trisolio: violoncelo; Gabriela Negri: contrabaixo; gravação, mixagem e masterização: Adonias Junior (Estúdio Arsis); lançamento: Azul Music.

*Vocalista do MPB4 e escritor